

## **Iniciação cristã de Josemaría Escrivá: baptismo, confirmação e primeira comunhão**

*Publicado nos Cuadernos del Centro de Documentación y Estudios Josemaría Escrivá de Balaguer, VI, 2002 da Universidade de Navarra*

Constantino Ánchel

Chamamos iniciação cristã ao itinerário que conduz à inserção na Igreja por meio dos sacramentos do baptismo, confirmação e eucaristia: a pessoa fica configurada com Cristo e constituída em membro do povo de Deus. Nos adultos, o processo de inserção na Igreja, que culmina com a recepção destes três sacramentos, segue um longo processo de formação, de catecumenato. No entanto, quando se trata de crianças, a Igreja administra logo o Baptismo; as tarefas de formação para a fé - e da primeira catequese, que é fundamental, – levam-se a cabo na preparação para os outros dois sacramentos, especialmente da primeira comunhão <sup>1</sup>.

Assim sucedeu com Josemaría; era o normal na sua terra e entre os seus. Por isso, um estudo sobre a iniciação cristã deve considerar a recepção dos sacramentos em si e toda a formação na fé, necessárias para receber Jesus sacramentado com as devidas disposições. Pois bem, nas famílias de fé viva acontece que esta tende a informar todos os actos da existência: a fé torna-se vida, orienta a conduta e estabelece os critérios básicos da educação das pessoas. Daqui se infere que, em certa medida, o desenvolvimento formativo de uma criança se integre no itinerário da sua iniciação cristã.

Neste processo de maturação, os elementos fulcrais são a acção da graça e a resposta da pessoa, mas desempenha também um papel relevante, nas primeiras etapas da vida, a intervenção dos educadores e formadores. Em 1964, S. Josemaría evocava e sintetizava assim os primeiros momentos: «[Deus] fez com que nascesse num lar cristão, como costumam ser os lares do meu país, de pais exemplares que praticavam e viviam a sua fé. Procuravam dar-me uma formação cristã, e ali a adquirir mais do que no colégio, embora desde os três anos me tivessem levado a um colégio de religiosas, e desde os sete a um de religiosos». No estudo analisam-se, com pormenor, em que medida contribuíram para a educação de São Josemaría dois elementos fundamentais: a família e a escola. Por estas razões, ao estudar a vida de Josemaría Escrivá, podemos afirmar que a narração da sua infância, recolhida nas biografias publicadas sobre a sua vida, pode considerar-se também como a história dos primeiros passos da sua vida cristã <sup>2</sup>.

O facto de contarmos com vários relatos biográficos sobre a infância de São Josemaría dispensa-nos de entrar, neste estudo, numa narração pormenorizada e exaustiva dos seus primeiros anos de vida, pois o conteúdo das referidas biografias serve de enquadramento e referência. Além disso, permite centrarmo-nos em

detalhes mais específicos da sua iniciação cristã, determo-nos em aspectos tratados mais superficialmente nas biografias gerais e expomos os resultados das investigações mais recentes.

As fontes documentais deste trabalho – além das bibliográficas – procedem essencialmente dos fundos dos arquivos eclesiásticos e civis de Barbastro, e da documentação que se conserva no Arquivo Geral da Prelatura (AGP) e no Registo Histórico do Fundador (RHF). Desempenham um papel destacado, preliminar a outras fontes, os relatos de recordações pessoais. Estes relatos descrevem o Barbastro da época e falam de Josemaría Escrivá e da sua família, e foram escritos por amigos, companheiros de estudos, parentes. Outros relatos são de pessoas que conheceram e conviveram com a mãe e a irmã de São Josemaría, e, mais tarde, narraram os factos e recordações que elas contaram. Ao que ficou dito há que acrescentar, por fim, as recordações autobiográficas escritas ou contadas pelo próprio Fundador do Opus Dei, utilizadas na sua pregação, como uma forma de aproximar a mensagem à vida. A par de exemplos, imagens e histórias (os pastores dos Pirenéus, a massa na masseira, os figos das terras do Vero picados com agulhas para amadurecerem mais rapidamente, os paus pintados de vermelho, etc.), há evocações de vivências pessoais, narradas à luz da experiência posterior<sup>3</sup>. Em alguns momentos da sua vida, estas recordações, completadas com as que contaram sua mãe e sua irmã Carmen, são a fonte principal. Algumas destas evocações irão aparecendo ao longo do presente trabalho, pois dão uma perspectiva nova do impacto que um determinado facto ou acontecimento teve na sua vida.

## **I. Baptismo e Confirmação**

### ***O Baptismo***

No que diz respeito ao baptismo, evidentemente São Josemaría apenas conservava na memória o que os seus pais contaram em conversas familiares. Não há testemunho fotográfico do acto; não era costume então. Contudo, conhece-se o seu «vestido de baptizado»<sup>4</sup>: tinha sido o de sua mãe, e com ele receberam as águas do baptismo a sua irmã mais velha e os restantes irmãos. Também mais tarde, teve nas mãos a certidão do baptismo, pois era necessário juntá-la ao processo das ordens anteriores ao presbiterado<sup>5</sup>. Ao passar os olhos pelo documento, aparecem as personagens presentes naquele acto, no dia 13 de Janeiro de 1902, junto da pia baptismal da paróquia da Assunção, da Catedral de Barbastro: ali estavam D. Ángel Mano, que o baptizou, e seu tio Mariano Albás, o padrinho, e sua avó Florencia Blanc Barón, em representação da madrinha, a tia Florencia, ausente em Huesca.

Da cerimónia do baptismo, teve uma recordação material permanente na sua residência de Roma: em 1957, o Cabido da Catedral e o Bispo de Barbastro, ofereceram-lhe as pedras da pia baptismal<sup>6</sup>; a sua história era antiga e nela se tornaram cristãs gerações e gerações de barbastrenses<sup>7</sup>. Convenientemente restaurada, colocou-se no vestíbulo da igreja prelatícia de Santa Maria da Paz, em Roma, como pia de água benta<sup>8</sup>. Com frequência, ao passar junto dela, repetia: «aqui me fizeram cristão». Gostava de recordar o seu baptismo e meditar sobre a recepção do dom da fé e o início da presença do Espírito Santo na alma, que começava a realizar de um modo misterioso, mas eficaz, o seu trabalho de santificação.

Nos últimos anos de vida chegaram-lhe às mãos as certidões de baptismo dos pais e avós<sup>9</sup>. Por elas se deu conta de que foram baptizados muito cedo, alguns inclusivamente no dia do nascimento, ainda que tivessem nascido sãos. Em alguma ocasião serviu-se deste facto para valorizar o rápido baptismo das crianças, sem demoras desnecessárias, para não privar essas criaturas da acção do Espírito Santo nas suas almas.

De facto, São Josemaría recebeu as águas baptismas quatro dias depois de nascer, a 13 de Janeiro, festa do Baptismo do Senhor. Nesse dia lhe impuseram os nomes de José, Maria, Julián e Mariano. José, por seu pai, seu avó e bisavô, e em honra do Santo Patriarca; María, para que ficasse sob a protecção da Mãe de Deus; Julián, por ser o santo do dia; e Mariano, como deferência para com o padrinho.

Em anos sucessivos teve oportunidade de presenciar o baptismo de outros irmãos e primos. No baptismo de Chon<sup>10</sup> era contudo pequeno: ainda não tinha três anos, e de pouco ou nada se recordava. Contudo, sim, teria os olhos bem abertos no de sua irmã Lolita<sup>11</sup>, pois foi em 1907, em Fevereiro. E mais consciente da importância da cerimónia estaria quando baptizaram sua irmã Rosario<sup>12</sup>: tinha já sete anos feitos.

### **A Confirmação**

Há séculos atrás era costume em Espanha e na Ibero-América conferir o sacramento da confirmação aos baptizados sem se ter de esperar que alcançassem o uso da razão<sup>13</sup>. Em muitas regiões de Espanha esta prática quase se converteu em necessidade durante o século XIX: as sucessivas revoluções liberais destruíram boa parte das estruturas eclesásticas, ao longo de um século. Uma das consequências mais visíveis foi a dificuldade que teve a Santa Sé em prover as dioceses: o número de sés vacantes era considerável. Por isso, quando por fim, um bispo tomava posse do seu cargo e visitava os lugares da sua jurisdição, aproveitava a ocasião para confirmar todos os baptizados. Um exemplo da família pode ilustrar o caso: a 24 de Junho de 1843 foi confirmado em Fonz José Escrivá Zaydín, junto com os irmãos Joaquín e Victoriana<sup>14</sup>. Confirmaram-se 307 homens e 258 mulheres, a maioria crianças, ainda que houvesse algumas pessoas de mais idade. O Bispo confirmante foi D. Lorenzo Ramo, escolápio, bispo de Huesca, embora nessa altura Fonz pertencesse à diocese de Lérida<sup>15</sup>.

Trinta anos depois, a situação era semelhante. Assim, a 6 de Novembro de 1877, o bispo de Lérida, D. Tomás Costa y Fornaguera, está de visita pastoral a Fonz. Possivelmente era a primeira visita que fazia desde o começo do período revolucionário. Nesse dia confirmou à volta de 350 meninos e meninas. Entre estes contavam-se os três filhos varões do casamento Escrivá-Corzán, Teodoro, Jorge e José<sup>16</sup>.

Em 1902, nas relações entre a Igreja e o Estado, as agitações anteriores tinham sido superadas e vivia-se uma situação de normalidade. Contudo, o costume de confirmar menores de sete anos perdurava. Por isso, quando se tornou público que o Bispo de Barbastro administraria a confirmação na paróquia da Assunção, D. José Escrivá inscreveu os seus dois filhos, Carmen e Josemaría, para receberem esse sacramento. A cerimónia celebrou-se no dia de S. Jorge, 23 de Abril, festa em Aragão, e foi conferida pelo Bispo Administrador Apostólico de Barbastro, D. Juan António Ruano. Foram padrinhos Ignacio Camps Valdovinos, o médico que tinha

assistido ao seu nascimento, e Juliana Erruz Otto. O costume era que um homem apadrinhasse os meninos e uma mulher as meninas <sup>17</sup>.

Uma observação acerca dos padrinhos: era costume que apadrinhassem os confirmandos o presidente da Câmara e sua mulher, ou alguma autoridade municipal influente. Contudo, nessa ocasião, não foi assim e foram escolhidas para o efeito duas pessoas de prestígio social na cidade, mas não implicadas em lutas políticas. Não se pode afirmar taxativamente a razão desta mudança no procedimento. Contudo, talvez o Bispo não quisesse contar com o Presidente da Câmara, devido aos acontecimentos recentes da vida do município. Desempenhava o cargo, em 1902, o liberal Manuel Lolumo. Por esses dias surgiram rumores insistentes que o acusavam de corrupção. Embora não conste que tivessem fundamento; o facto é que deixou o cargo poucos meses depois <sup>18</sup>.

### ***Doença, cura e peregrinação a Torreciudad***

Os primeiros meses de Josemaría decorreram normalmente. Há poucas fontes relevantes que documentem os seus primeiros passos. Daí que para relatar a traços largos esse período da sua vida quase nos basta imaginar o que sucedia em qualquer família cristã do Alto Aragão nos começos do século. Do ponto de vista da sua iniciação cristã pode afirmar-se que, além dos cuidados e orações dos pais pelo rebento, aprendeu a dizer com as primeiras palavras, uma ou outra oração simples.

No tranquilo decurso da sua existência produziu-se um sobressalto quando o menino contava dois anos: uma grave enfermidade, possivelmente de origem infecciosa, colocou-o às portas da morte <sup>19</sup>. Sobre a natureza da doença, São Josemaría recordava, em 1962, os relatos ouvidos a sua mãe em numerosas ocasiões: tinha meningite e, ao agravar-se o estado, o médico assistente, o Dr. Camps <sup>20</sup>, assegurou aos pais que morreria naquela noite <sup>21</sup>.

Não é fácil precisar a data deste acontecimento, pois é sabido que nos primeiros decénios do século passado, a mortalidade infantil era muito elevada, e uma criança podia contrair a qualquer momento uma doença que pusesse rapidamente termo à sua vida. Nenhuma testemunha nem documento precisa a data da enfermidade e cura. Só se indica a idade do menino: uns dois anos; isto é, durante o ano de 1904. Ora bem, supondo que a doença infecciosa – meningite – que sofreu São Josemaría estivesse incluída num surto epidémico local, os dados de Arquivo <sup>22</sup> dizem-nos o seguinte:

- A mortalidade registada nos três primeiros meses de 1904 é semelhante à dos anos anteriores.

- No mês de Abril houve treze falecimentos, mas só quatro são crianças, dois de entre eles recém-nascidos. Em Maio e Junho os números mantêm-se em parâmetros normais.

- Em Agosto aumenta a mortalidade. Há catorze mortes, das quais nove são de crianças menores de dois anos.

- Em Setembro os dez defuntos são crianças, nove deles menores de dois anos.

- Em Outubro, dos dez falecidos, seis têm menos de dois anos.

- Em Novembro ocorrem trinta e seis falecimentos, dos quais trinta são crianças menores de cinco anos; destes, oito não tinham ainda dois anos, sete já os haviam cumprido, e seis tinham três anos.

- Em Dezembro começa a diminuir de intensidade a epidemia: morrem vinte e sete pessoas, das quais vinte são crianças, dezasseis das quais menores de dois anos.

- Em Janeiro de 1905 apenas se registam três falecimentos, que foram de crianças de dois, três e quatro anos.

Nos registos de falecimento de cada criança indica-se a data do óbito, nome dos pais e a idade (dias, meses, anos), mas não se menciona a causa da morte. Só com esta informação não é possível especificar a causa do aumento da mortalidade, que assume foros de epidemia<sup>23</sup>.

Fosse qual fosse o momento em que contraiu a doença, a reacção da mãe foi recorrer à intercessão da Virgem Maria. Dona Dolores, conhecido o prognóstico do médico, começou uma novena ao Sagrado Coração de Maria, imagem que estava sempre à cabeceira da sua cama. Dessa oração surgiu a promessa de ir em peregrinação ao Santuário de Nossa Senhora de Torreciudad<sup>24</sup>. Na manhã seguinte, o pequeno estava curado do seu mal. Em tempo oportuno, talvez na Primavera de 1905, seus pais cumpriram o prometido e, por caminhos de cabras, levaram o menino até junto da Virgem. A seus pés agradeceram o favor recebido e consagraram-lhe o filho. Dona Dolores sempre atribuiu a cura à intercessão de Maria Santíssima, e São Josemaría teve consciência do facto desde os primeiros momentos do uso da razão. A mãe recordava-lhe com frequência: «Se Deus te deixou aqui na terra, terá sido por uma razão de peso...», ou outras expressões análogas<sup>25</sup>.

Mais adiante, após o falecimento da sua irmã Chon, o terceiro ocorrido em poucos anos, «a imaginação infantil fazia pressagiar – conta Adriana Corrales – que naquela casa se tinha estabelecido uma sucessão fatal, pelo que o seguinte deveria ser Josemaría. Ele mesmo diria em certa ocasião a sua mãe que *agora era a vez dele*. Dona Lola devia preocupar-se com aquele pensamento sombrio porque lhe ouvimos dizer: *Não te preocupes, a ti não te pode acontecer nada, porque estás consagrado à Virgem de Torreciudad*»<sup>26</sup>. O agradecimento de São Josemaría à Mãe de Deus pela protecção dispensada desde criança foi *in crescendo* com o passar dos anos, e uma das suas manifestações foi promover a construção do Santuário de Torreciudad em honra da Rainha dos Anjos.

## II. Primeira formação cristã

Em Maio de 1970, durante a novena à Virgem de Guadalupe, no seu santuário do México, fez esta consideração: «Aconselho-vos, nestes momentos especialmente, que volteis à vossa infância, recordando com esforço se for preciso – eu recordo-me perfeitamente – o primeiro acto em que vos dirigistes à Virgem, com consciência e vontade de fazê-lo»<sup>27</sup>. Recordava-o, mas ali não entrou em mais pormenores<sup>28</sup>. Na verdade não sabemos nem quando, nem como nem o porquê desse «primeiro acto», mas para o nosso intento tem pouca importância. Interessa sim salientar a nova etapa que começa a partir desse momento. Até então, enxertado já em Cristo pelo baptismo e pela confirmação, toda a sua vida cristã era acção de Deus na sua alma, e acção, oração e desvelo dos seus pais para com o

filho. Logicamente o seu comportamento apenas podia ser, por assim dizer, *passivo*. Desde este primeiro acto consciente e voluntário inicia-se uma nova fase, pois uma pessoa já pode colaborar com a graça, ou resistir-lhe. O seu entendimento vai-se tornando capaz de compreender o significado de alguma coisa que lhe chega e percebe o significado das orações, ainda que não atinja o sentido de algumas palavras <sup>29</sup>; julga, todavia com critérios rudimentares e elementares, o comportamento dos mais velhos, e com eles forja para si pautas de comportamentos futuros e, sobretudo, surgem as primeiras manifestações da consciência moral, ao sentir-se paulatinamente livre e dono dos seus actos, mas não dono para determinar a bondade ou maldade das suas acções.

Neste processo de amadurecimento, os elementos centrais são a acção da graça e a resposta da pessoa, mas também tem um papel relevante, nas primeiras etapas da vida, a intervenção dos educadores e formadores. Em 1964 evocava e sintetizava assim estes primeiros momentos: «Fez-me [Deus] nascer num lar cristão, como costumam ser os do meu país, de pais exemplares que praticavam e viviam a sua fé, dando-me uma grande liberdade desde pequeno, vigiando-me ao mesmo tempo com atenção. Deram-me uma formação cristã, e foi aí que a adquirir, mais do que no colégio, embora me tenham posto desde os três anos um colégio de religiosas, e desde os sete num de religiosos» <sup>30</sup>. Nestas palavras transcritas indicam-se explicitamente dois elementos fundamentais na educação de São Josemaría: a família e a escola. E de modo implícito também se menciona o ambiente cristão da sua terra. Começaremos por este último, que é também o contexto da vida familiar, de que falaremos a seguir.

### **Contexto social**

A referência ao contexto social foi abordada apenas ao de leve nas palavras antes mencionadas, porque para as pessoas da sua terra e geração o sentido cristão da sociedade era algo evidente que, de tão óbvio, se dava por adquirido. Contudo, a distância no tempo e a mudança das circunstâncias, reclamam já um estudo mais demorado da realidade social em que cresceu São Josemaría, para conhecer melhor o húmus, o substrato inclusivamente telúrico que está subjacente nas atitudes mais profundas de uma pessoa em relação com o mundo e a vida. Certamente um estudo destas características vai mais além dos limites deste trabalho, mas penso que se podem acrescentar alguns elementos que outras investigações posteriores se encarregarão de ampliar, aprofundar ou rever.

Que a sociedade barbastrense era uma sociedade profundamente marcada pela fé cristã nos finais do século XIX e princípios do século XX é um facto evidente. Todos os habitantes da cidade estavam baptizados e todos procuravam que os momentos fulcrais e importantes da sua existência se regulassem pela prática católica habitual. Inclusive a prática cristã corrente – a assistência à Missa aos Domingos e dias de preceito, o cumprimento pascal <sup>31</sup> e a celebração das grandes festas cristãs – era geral em toda a população, ainda que, depois dos acontecimentos revolucionários do século XIX, comesçassem a aparecer alguns casos isolados, que contudo, eram a excepção.

As manifestações públicas da fé também se viviam com normalidade. Nas grandes festas do Senhor e da Virgem, e também nas dos santos de especial devoção na cidade, costumava haver cerimónias mais solenes <sup>32</sup>, actos de devoção especiais <sup>33</sup> e procissões nas quais participava numeroso público <sup>34</sup>. Esta fé

manifestava-se nas circunstâncias normais, chegando a influenciar inclusive modos de falar e ditos populares que evidenciavam um sentido cristão muito arraigado <sup>35</sup>.

As questões que a modernidade levantara estavam presentes em Barbastro e, em linhas gerais, pode afirmar-se que as respostas às perguntas e problemas se apoiavam, do ponto de vista político, no pensamento liberal. Essa era a política dominante na vida municipal e nas eleições para as Cortes <sup>36</sup>. Certamente, no ambiente familiar de São Josemaría e entre as amizades dos seus pais havia pessoas mais comprometidas com esta linha política <sup>37</sup>. Contudo, os graves problemas que alguns princípios ideológicos do liberalismo mais doutrinal se puseram às consciências de muitos católicos envolvidos na acção política, tiveram pouca incidência no ambiente de Barbastro; pelo menos eu não encontrei testemunhos. Talvez porque algumas das questões, como as relativas à liberdade de culto ou de consciência estavam afastadas da realidade social do Barbastro de então; e talvez também porque outros assuntos, como os referentes ao debate sobre a separação da Igreja e do Estado, se ventilavam no campo da grande política e afectavam, portanto, muito pouco a política local. Não obstante, quando alguns desvios destas controvérsias surgiram na sociedade e chocaram com o sentimento cristão, a resposta da sociedade de Barbastro tomou partido maioritariamente por esse mesmo sentimento <sup>38</sup>.

Um elemento que aparece em muitos lugares de Espanha, como consequência de posições liberais radicais, é o anti-clericalismo <sup>39</sup>. Pois bem, em Barbastro quase não há vestígios de atitudes ou condutas anti-clericais <sup>40</sup>, mas também não abundam manifestações de clericalismo nem de religiosidade puritana <sup>41</sup>. Talvez a ausência de atitudes anti-clericais se explique por serem muitas as famílias que contavam com um ou vários membros clérigos ou religiosos <sup>42</sup>. Também, não se pode falar aí de um clero baixo e outro alto, já que na diocese de Barbastro, talvez pelo prestígio do Colégio dos Escolápios, de onde procedem muitos alunos do Seminário, havia uma grande proporção de sacerdotes cujas famílias pertenciam à classe média, e os sacerdotes distribuía-se, sem qualquer discriminação, quer pelo meio rural, quer urbano, com plena dedicação pastoral. O clero de Barbastro, sem ser muito numeroso, era suficiente para atender sem dificuldade a pequena diocese. Era muito estimado pelos fiéis pelo seu intenso trabalho pastoral e pela sua sobriedade. Pode afirmar-se também que, pela sua procedência maioritária da classe média, em geral era de pendor liberal e aberto <sup>43</sup>.

Há que ter em conta ainda que a situação peculiar da diocese de Barbastro durante o século XIX ajudou a evitar tensões anti-clericais. Na Concordata de 1851 ficou consignado que as circunscrições eclesiásticas deveriam coincidir com as civis. Isto levava à criação de novas dioceses, à supressão, em maior número, de outras, e ao ajuste do território noutras mais. Este *desideratum* tinha pela frente um longo caminho a percorrer e, de facto, não chegou a realizar-se segundo a pretensão inicial. Contudo, sobre algumas sés pesou a ameaça da supressão. Uma delas era Barbastro que, durante mais de meio século, não teve bispo residente. À frente, da diocese esteve, desde 1855 até 1896, um Administrador Apostólico, que era o Vigário Capitular. Durante esse longo período, todos os barbastrenses, qualquer que fosse a sua ideologia social ou política, lutaram unidos para que a cidade não perdesse a Sé episcopal e se nomeassem bispos para governar a diocese <sup>44</sup>. Todos consideravam que a diocese era uma parte do bem comum da sua terra, que reforçava também a particularidade destas comarcas no conjunto de Aragão <sup>45</sup>.

A sociedade alto-aragonesa, especialmente a de Barbastro era bastante interclassista e, em linhas gerais, coesa. A diferença entre ricos e pobres mantinha-se em parâmetros pouco diferenciados. Ora bem, por características da economia da zona, muito sujeita às variações do clima, e com o meio rural sofrendo as consequências de uma liberalização que não teve em conta as peculiaridades do campo aragonês, houve momentos em que a pobreza se tornou mais dura em alguns sectores da sociedade <sup>46</sup>. Além disso, as novas correntes do pensamento social, inclusive de tipo revolucionário, estiveram presentes no Alto Aragón. Para dar apenas um exemplo, faz-se notar que Paul Lafargue, o genro de Marx, chegou a Huesca, fugido de França, em fins de 1871, e criou os primeiros núcleos internacionalistas de Espanha <sup>47</sup>. A chamada questão social não era um tema alheio aos barbastrenses. Assim o recordava São Josemaría: «Desde a minha infância – desde que tive ouvidos para ouvir, na expressão da Escritura – tenho ouvido o clamor da *questão social*. Não se trata de nada de particular; é um tema antigo, de sempre» <sup>48</sup>.

Um dos problemas sociais mais graves que teve de defrontar a cidade de Barbastro desde meados do século XIX foi o da emigração dos meios rurais <sup>49</sup>.

Para as pessoas de Sobrarbe, a primeira escala na sua partida do campo era a cidade de Somontano: o emigrante da comarca acolhe-se a Barbastro antes de abandonar a região, atraído pelo prestígio da sua capital; mas ao não encontrar ali a solução económica procurada, recomeça a caminhada para Barcelona, Saragoça, Madrid, ou inclusive França. Esta deslocação de gentes tem o seu reflexo na evolução da população da cidade <sup>50</sup>.

Nos primeiros anos do século XX nota-se claramente um núcleo de população flutuante, cujas necessidades interpelam a consciência dos barbastrenses. A imprensa da época faz-se eco da preocupação pelos necessitados <sup>51</sup>, e a Igreja local levou a cabo um trabalho de catequese muito amplo e perseverante <sup>52</sup>. Possivelmente este intenso trabalho de formação das consciências explique que não se notem em Barbastro – pelo menos até 1917 – sinais da profunda crise religiosa que naqueles anos atravessava o resto do país. Certamente o carácter aberto e compreensível da classe média de Barbastro para com as classes trabalhadoras ajudava a distender as possíveis tensões. Contribuiu para isso a amizade surgida espontaneamente durante a infância nas aulas do Colégio dos Escolápios <sup>53</sup> e, provavelmente também, a ausência de luta de classes – e por isso de ressentimentos – no mundo do trabalho <sup>54</sup>.

Barbastro era um pequeno microcosmos onde se reflectiam as ideias, as tensões do momento e, com a sua forma de estar na vida, e apoiada na sua fé e na sua história, os habitantes deram resposta às questões e interrogações que o mundo moderno lhes apresentava. Neste contexto viveu o pequeno Josemaría, respirando um ambiente que educava e conformava um modo de ver a vida e de responder aos novos desafios, e que tinha como um dos elementos fundamentais o sentido cristão da vida.

### **A família**

A família é, habitualmente, um agregado do meio social geral, a que se juntam as peculiaridades próprias, que distinguem uns lares dos outros. No caso da família de Josemaría Escrivá, apercebe-se uma sintonia geral com o sentir cristão

geral da sociedade barbastrense. O que lhe é próprio está marcado sobretudo pela intensidade e seriedade com que os seus pais encararam a fé e pelo empenho eficaz em a transmitir aos filhos. De todo o conjunto da actividade educativa de uma família, interessa centrarmo-nos nos aspectos mais específicos da formação cristã, que se podem resumir em três: os sacramentos, a iniciação na vida de piedade e de oração, e a aprendizagem e aquisição das virtudes cristãs.

#### *a) Vida sacramental*

D. José Escrivá e Dona Dolores Albás tiveram um interesse especial e eficaz em que os seus filhos recebessem os sacramentos o mais cedo possível, de acordo com as normas eclesiais e os costumes locais. Este empenho tem a sua confirmação documental nos livros de registos de Sacramentos da paróquia da Assunção, da Catedral de Barbastro, onde aparecem sucessivamente registados os baptizados e confirmação dos filhos da família Escrivá-Albás. Não aparecem registados nesses livros, como é evidente, a recepção de outros sacramentos, como a Penitência e Eucaristia, mas conhecemos, por outras fontes, a solicitude de D. José e Dona Dolores para que os seus filhos se abeirassem destes dois sacramentos. Contudo, e pela importância que têm, serão tratados à parte.

#### *b) Iniciação na vida de piedade e de oração*

Numa homilia de 1967, onde falava do itinerário da vida espiritual, dizia: «começamos com orações vocais, que muitos de nós repetimos desde crianças: são frases ardentes e simples dirigidas a Deus e a Sua Mãe, que é nossa Mãe. De manhã e à tarde, não um dia, mas habitualmente, ainda renovo aquele oferecimento que meus pais me ensinaram: *Oh Senhora minha, oh minha mãe, eu me ofereço todo a Vós. E em prova da minha devoção para convosco, vos consagro neste dia os meus olhos, os meus ouvidos, a minha boca, o meu coração...*»<sup>55</sup>. São recordações de infância, das suas primeiras orações, e é interessante notar duas coisas nesta evocação: a referência aos seus pais, aos dois, dando a entender que os dois se empenharam na tarefa de lhes ensinar as primeiras orações; e a presença da Virgem no começo da sua vida de piedade, do seu caminho para Deus<sup>56</sup>.

Como bons aragoneses, a veneração à Virgem Maria sob a invocação do Pilar ocupava um lugar preferencial na família Escrivá. Assim o recorda São Josemaría nos seus últimos anos: «A devoção à Virgem do Pilar começa na minha vida, desde que com a sua piedade de aragoneses a infundiram os meus pais na alma de cada um dos filhos»<sup>57</sup>. Mas também veneravam Santa Maria sob outros títulos e invocações, como o de Nossa Senhora dos Anjos de Torreciudad, como anteriormente se viu. Dona Dolores, por sua parte, como já dissemos, tinha especial devoção à imagem do Sagrado Coração de Maria, que tinha lugar de honra no seu quarto de dormir e à qual recorreu aquando da enfermidade do filho; e D. José tinha particular afecto à Virgem da Medalha Milagrosa: à sua imagem dirigiu o último olhar aqui na terra, precisamente no dia da sua festa, a 27 de Novembro<sup>58</sup>. A contemplação do mistério da Assunção da Virgem entrou cedo no mundo espiritual de São Josemaría. Na Catedral de Barbastro há uma capela, muito frequentada, dedicada à Assunção da Virgem, conhecida popularmente como «A Virgem deitada». Nas suas visitas à catedral era costume ir «adorar» a Virgem, nessa capela<sup>59</sup>.

Em sua casa rezava-se o Terço em família<sup>60</sup>, costume vivido em casa dos Albás, onde vivia a sua avó materna, Florencia. A casa dos Albás era lugar de

reunião de toda a família em Barbastro; aí, no andar principal, havia, ao fundo do amplo corredor, uma capela dedicada a Nossa Senhora das Dores; durante o dia as portas estavam fechadas, e abriam-se à tarde para se rezar em família o Terço. Com frequência – umas 15 ou 20 vezes no ano – reunia-se toda a família presente em Barbastro. Ali o rezaria também o jovem Josemaría<sup>61</sup>. «Aos Sábados – recorda uma testemunha – vinham as famílias à devoção do Sábado. Iam os casais com os filhos mais velhos, e rezava-se o Terço e a Salve Rainha no Oratório de São Bartolomeu, na rua de Argensola – como a casa dos Escrivá»<sup>62</sup>.

Também em sua casa aprendeu as canções de Natal, cantadas junto do presépio, armado conjuntamente por pais e filhos<sup>63</sup>. Assim, a devoção a Jesus Menino, à Virgem Maria e a São José começaram, de maneira natural, desde a sua primeira infância.

### *c) Aprendizagem das virtudes cristãs*

Os que conviveram com Josemaría Escrivá na sua infância testemunham unanimemente que nele viram reflectidas as virtudes cristãs que viviam os seus pais. Por exemplo, temos este testemunho: «Não duvido, como disse, que naquele princípio de século, enquanto Josemaría ia crescendo, fazendo-se homem, aprendeu a viver virtudes que depois, com os anos, com a graça de Deus – e a sua correspondência abnegada – dariam os frutos que agora, quando a sua vida já pertence à história, podemos contemplar plenamente maduros. [...] Os Escrivá tinham uma grande dignidade, no melhor sentido da palavra. Não eram afectados, antes pelo contrário, extraordinariamente simples e naturais no trato: a sua casa estava aberta a todos. Eram cordiais, educados e muito sinceros com os que tinham a oportunidade de conviver com eles. Viviam a caridade com todos, e muito especialmente com os necessitados»<sup>64</sup>. Não é objecto deste trabalho, descrever detalhadamente o conjunto de virtudes que pôde contemplar na casa dos seus pais. Quero deter-me, sim, numa delas: a generosidade para com os necessitados. Um parente conta: «A família de Josemaría era exemplar; muito cristã, alegre, querida por todos e de grande generosidade. O seu pai era muito esmoler; todos os Sábados formava-se uma grande fila de pobres que iam buscar a sua esmola, para todos havia sempre algo; revelavam-se muito liberais»<sup>65</sup>. Este espírito esmoler tinha uma origem antiga como testemunham as fontes da época<sup>66</sup>. Com o passar dos anos, São Josemaría aquilatou melhor a paciência na adversidade que contemplou nos pais, especialmente face à perda, sucessiva e em pouco tempo, de três filhos, e face aos revezes económicos sofridos. A ruína do negócio conduziu a família Escrivá a uma situação material de grandes apuros e forçou-os a procurar solução para as suas dificuldades noutra cidade.

### ***O infantário das Filhas da Caridade***

O Fundador do Opus Dei recordava que os seus pais, «desde os três anos puseram-me num colégio de religiosas»<sup>67</sup>. Era o Colégio que as Filhas da Caridade de São Vicente de Paulo dirigiam em Barbastro. Ali tinha estudado Dona Dolores junto com as irmãs e primas, e algumas delas decidiram seguir a vocação religiosa nesse Instituto<sup>68</sup>. A este Colégio confiou a família a educação dos filhos. Na biografia de A. Vázquez de Prada relatam-se com pormenor os acontecimentos e a vida de Josemaría durante a sua estadia nesse colégio, os progressos que fez em ciência e virtude, a história de uma acusação injusta e um prémio que lhe concederam por ocasião da celebração das bodas de ouro sacerdotais de S. Pio X

<sup>69</sup>. Neste livro lê-se que foi uma freira quem o ensinou a escrever e, em nota, diz-se: «quando anos mais tarde se inteirou de que uma das freiras, amiga e companheira de Dona Dolores, tinha sido assassinada durante a guerra civil, vieram-lhe irresistivelmente as lágrimas aos olhos» <sup>70</sup>.

São Josemaría teve conhecimento desta morte quando chegou às suas mãos o livro de Antonio Montero, *Historia de la persecución religiosa em España*, editado em 1961. Folheou-o e ao chegar às páginas finais, onde vem a relação dos bispos, sacerdotes, religiosos e religiosas assassinados na guerra civil, encontrou a Filha da Caridade, que tinha sido sua professora no Infantário, embora não tivesse pronunciado o nome. A notícia do seu assassinato entristeceu-o e emocionou-o tanto que não quis continuar a leitura do livro. Os que estavam com ele não conseguiram saber o nome desta religiosa. As recordações de uma companheira do infantário, junto com o cotejo da relação das Filhas da Caridade assassinadas durante a guerra civil com a das religiosas que viveram em Barbastro nos primeiros anos do século, permitiram identificar esta religiosa <sup>71</sup>: Chamava-se Rosario Ciércoles Gascón, tinha nascido em Saragoça, no ano 1870 e foi fuzilada a 19 de Agosto de 1936 <sup>72</sup>.

Já com a concicção de ser a irmã Rosario a religiosa que acompanhou Josemaría Escrivá, tive ocasião de falar com Dolores Lacau, a companheira de infantário, para que recordasse detalhes daqueles anos e os pusesse por escrito. Este é o seu testemunho: «Conservo na minha memória algumas recordações dos anos da minha infância, em que frequentei o infantário que as Filhas da Caridade de São Vicente de Paulo tinham em Barbastro. Por volta de 1906 ou 1907, não posso precisar bem a data, foi também para este infantário Josemaría Escrivá de Balaguer e Albás. Nesses anos do princípio do século, era directora do Infantário a Irmã Rosario Ciércoles. Pelo que me lembro, sei que tinha nascido em Saragoça. Cedo ficou órfã e uns tios seus, um casal sem filhos, adoptaram-na e trouxeram-na para Barbastro, onde viviam. O nome e apelidos dos seus tios não sei dizê-los: quando conheci a Irmã Rosário – ela era da idade da minha mãe, mais ou menos – todas essas coisas eram para mim muito remotas, e o que sei é porque o ouvi à minha mãe ou às suas amigas. Posso dizer, sim, que o tio dava aulas particulares de piano, e que a tia era a irmã do pai ou da mãe da Irmã Rosario. Apesar de não ter nascido em Barbastro, toda a gente a considerava como da cidade, pois aqui se educou e viveu, até que ingressou nas Filhas da Caridade e partiu para o noviciado, creio que em Saragoça. Quando regressou a Barbastro, nomearam-na, como já disse, directora do Infantário. A comunidade das Filhas da Caridade de Barbastro era bastante numerosa – umas 16 religiosas – pois além do infantário dirigiam o colégio, que era um dos mais importantes e prestigiados da zona. Vieram-me à memória agora os nomes de algumas daquelas religiosas: assim, por exemplo: a Irmã Carmen Civit, a Irmã Aquilina, a Irmã Guadalupe, que era de Madrid e que foi a directora do Infantário antes da Irmã Rosario, a Irmã Maria Queipo, a Irmã Concepción Paret e a Irmã Micaela Gorraiz, de Navarra, se a memória não me traiçoa. Voltando à Irmã Rosario, direi que tocava muito bem piano, pois o seu tio a tinha ensinado. Não tinha o título de professora de música – no Colégio já havia uma professora de música titular –, mas ela dava música às principiantes. Também tenho muito viva a recordação, quase uma fotografia, das aulas de catecismo e formação do infantário. Eram dadas numa grande sala que tinha uns banquinhos pequenos. No centro ficava a Irmã Rosario e os meninos e as meninas ficavam dos lados. Quando algum menino ou menina se destacava mais pela sua vivacidade, aplicação

e bom comportamento, era nomeado “monitor”, que vinha a ser como um chefe da fila ou de grupo, por ser o aluno com mais qualidades. Eu mesma fui monitora. Josemaría também foi monitor, junto com outro rapaz, de Estada, chamado Paco Sitjar. Quando acabou o tempo do infantário, Josemaría foi para o Colégio dos Padres Escolápios e eu continuei nas Filhas da Caridade. A Irmã Rosario continuou em Barbastro, até que pouco antes da Guerra, a destinaram a outro lugar. Só muito mais tarde soube que morreu mártir em Agosto de 1936, em Almenara, província de Castellón. Causou-me uma grande pena, pois tinha sido uma religiosa boa e exemplar e, ao começar a guerra era já uma pessoa idosa. Eu agora tenho a certeza de que Deus a premiou com o céu»<sup>73</sup>.

Como síntese, destes anos do infantário, podem servir-nos umas palavras que Josemaría Escrivá disse em 1974 na Argentina: «quando eu tinha essa idade [uns cinco anos] era muito piedoso, mas não tinha vida contemplativa»<sup>74</sup>. Era um modo de reconhecer que, aos cinco anos, tinha já na sua vida manifestações de piedade que, sem as definir como contemplativas, podiam considerar-se enraizadas.

### III. O culminar da iniciação cristã. O Colégio dos Escolápios

Em Outubro de 1908 começou a frequentar os estudos da instrução primária no Colégio de San Lorenzo, dos Padres Escolápios. Neste centro de ensino continuou a sua formação académica e religiosa, que já tinha começado no infantário das Filhas da Caridade, segundo o regime académico e disciplinar tradicional das Escolas Pias: Escola de pequenos, Escola de escrever e Escola Nova, segundo a denominação particular dos Escolápios<sup>75</sup>, onde se davam aulas de religião, história, língua, matemática ou «contas», antes de entrar nos anos do ensino secundário. Se a família quisesse, os alunos podiam ficar também, depois das aulas, duas horas mais no Colégio, para reverem as matérias, sob a vigilância dos professores. Estes eram os alunos *vigiados* e esta era a condição de Josemaría Escrivá durante os seus anos da instrução primária.

O estudo da «instrução» como se denominavam então os aspectos académicos, apesar do seu interesse, ultrapassa o objectivo deste trabalho. Por isso centrar-nos-emos nos temas específicos da sua formação doutrinal e espiritual. Para esta tarefa contamos com o testemunho de um condiscípulo, que recorda assim dois aspectos dos seus anos de colegial: «o dia estava organizado de maneira que o estudo e o recreio alternavam com actos de piedade, que faziam com que esta virtude ganhasse raízes nas nossas almas. Começávamos o dia às 7.30 da manhã. O primeiro acto escolar era a celebração da Missa na capela do colégio: a mesma igreja que hoje se conserva, mas com a decoração totalmente remodelada [...]. A essa missa assistíamos todos os alunos; como outras muitas igrejas daqueles tempos, a nossa igreja não tinha bancos, pelo que participávamos na celebração de pé ou de joelhos. Na Missa diária podia-se comungar e havia Comunhão solene uma vez por mês; essa Comunhão mensal era preparada pela Confissão a que íamos todos os alunos. Depois da Santa Missa começavam as aulas, interrompidas por um pouco de recreio. Ao tocar cada hora cantava-se a oração dedicada a Nossa Senhora do Pilar: *Bendita e louvada seja a hora em que Maria Santíssima veio em carne mortal a Saragoça*. Ao meio dia terminava o período da manhã. Antes de irmos para as nossas casas a almoçar, rezava-se uma Ave Maria e cantava-se a estrofe mariana: *Adeus Rainha do Céu, Mãe do Salvador, doce prenda adorada do meu sincero amor*. Ao princípio da tarde, mais concretamente às duas, voltávamos

ao colégio. Depois de meia hora de estudo recomeçavam as aulas, que iam até às quatro e meia.

Aos Sábados de tarde cantávamos, na capela do colégio, a ladainha do Terço e, a seguir, a Salve Rainha. Costumava officiar um sacerdote já idoso, o P.e Manuel Laborda (a quem popularmente chamávamos o P.e Manolé), ajudado por seis alunos. Aos Domingos pela manhã íamos também ao colégio, para ter o que, com terminologia clássica, chamávamos um oratório. Chegávamos às 8.30. Rezava-se o Santo Terço; o segundo e quarto mistério eram cantados alternadamente. Seguia-se a Missa. Depois os alunos da Escola nova, na presença dos alunos mais velhos, recitávamos um capítulo do catecismo; seguíamos concretamente o Catecismo do Padre Ramo, um sacerdote escolápio. Depois havia uma palestra ou prática sobre o capítulo recitado.

Ao longo do ano sucediam-se diversas festas, algumas celebrávamo-las em nossas casas, outras tinham incidência no colégio. Por exemplo, durante o mês de Outubro, dedicado à Virgem Santíssima, o dia começava com exposição solene, celebrando-se a Missa com o Santíssimo exposto, para terminar com a recitação do Terço, dizendo-se no final uma oração a São José (essa oração, se bem recordo, era tirada do devocionário que vem no fim do livro *Visitas ao Santíssimo Sacramento*, de Santo Afonso Maria de Ligório). No princípio de Novembro, pela festa de Todos os Santos e dia de defuntos, havia Missas solenes cantadas. Celebrava-se com muita solenidade a festa de São Tomás de Aquino: nesse dia, para a Missa, colocavam-se na igreja alguns bancos destinados aos alunos do secundário, que eram os protagonistas da festa; ao entardecer havia desfile pelas ruas de Barbastro à luz de archotes»<sup>76</sup>.

Até aqui o testemunho de José Mur, que descreve os exercícios piedosos diários, semanais e mensais. O seu relato coincide substancialmente com as disposições e regulamentos que o Prelado Provincial das Escolas Pias de Aragão estabeleceu, em Novembro de 1869, para todos os seus Colégios de Aragão<sup>77</sup>.

### ***Primeira confissão e primeira comunhão***

Com a idade de seis ou sete anos confessou-se pela primeira vez Josemaría Escrivá, o qual relatou as circunstâncias e histórias desta confissão várias vezes e diante de muitas pessoas. Por outro lado, em todas as biografias publicadas até à data conta-se este facto, com profusão de detalhes. Só quero recordar que foi no ano lectivo de 1908-1909 e que a preparação próxima esteve a cargo de sua mãe. O sacerdote que o atendeu foi o P.e Enrique Labrador, que era também o confessor da mãe. O facto ocorreu na igreja do Colégio dos Padres Escolápios, atrás descrita. Desde então começou a confessar-se sem necessidade de que sua mãe o mandasse e, provavelmente com a frequência habitual do Colégio.

Em princípio, à sua frente, tinha ainda que esperar uns seis anos para receber Jesus Sacramentado pela primeira vez, pois, segundo a prática corrente, ela fazia-se aos doze ou treze anos. Contudo, uma decisão do Romano Pontífice mudou o panorama. A 8 de Agosto de 1910 promulgou-se o Decreto *Quam singulari*, no qual se estabelecia que as crianças podiam ser admitidas à primeira comunhão ao chegarem ao uso da razão<sup>78</sup>, isto é, por volta dos sete anos, segundo se dizia então nos catecismos.

Começou assim a sua preparação para receber este sacramento, que ficou a cargo do P.e Manuel Laborda, antes mencionado, que, entre outras coisas, lhe ensinou uma oração para a comunhão espiritual. Esta «comunhão espiritual» é a que recitou durante toda a sua vida e a que ensinou a quem com ele se dirigia e, mais tarde, aos fiéis do Opus Dei. Não se conhece o autor nem a origem desta oração, que não pertence à tradição das Escolas Pias. Talvez a tivesse composto o P.e Manuel Laborda, ou a escutasse na sua infância dos lábios da mãe ou do sacerdote que, na sua Borja natal, o preparou para a primeira comunhão. O facto é que este bom religioso nem de longe suspeitou o bem imenso e a extensão que iria ter a sua oração para a comunhão espiritual.

Pôr em prática as disposições emanadas do Decreto *Quam singulari* encontrou algumas resistências nos fiéis de Barbastro, em parte devidas ao costume e em parte, também, por algumas repercussões de tipo económico. É isto que reflecte uma *Circular para instruir os fiéis*, publicada no Boletim da diocese, com data de 3 de Novembro de 1910. Aí se determinava que, ainda que uma criança tivesse feito a Primeira comunhão, no caso de morrer antes dos onze anos, os estipêndios do enterro continuariam a ser os mesmos que vigoravam para o enterro dos bebés. E diz-se que se haviam tomado estas medidas «a fim de que [os pais] não temam que o cumprimento do mandado [no Decreto *Quam singulari*] lhes ocasione despesas económicas suplementares»<sup>79</sup>. A elevada mortalidade infantil ia a favor destes receios entre boa parte do povo fiel, ainda que não no caso, podemos afirmar com segurança, da família Escrivá, pois a 21 de Novembro de 1910, na festa da Apresentação da Virgem, Carmen Escrivá fez a sua Primeira comunhão, no Colégio das Filhas da Caridade.

Nas biografias narra-se um pequeno episódio, cuja fonte está nos relatos de sua mãe aos primeiros fiéis do Opus Dei. Trata-se da queimadura causada na cabeça pelo ferro aquecidos do barbeiro, enquanto o penteava, segundo a moda de então, para estar elegante no dia da festa. A ferida deve ter-lhe causado dor, mas ele não disse nada. Ao fim de uns dias a mãe descobriu-a, ficando admirada com o silêncio do filho perante uma tal ferida.

É certo que surpreende o facto de não ter pronunciado nem uma queixa e tentasse que os outros, especialmente os pais, não se dessem conta de nada. Os motivos que o levaram a calar nunca os manifestou pois nem sequer contou este pequeno incidente<sup>80</sup>. Contudo, podemos ver, sim, neste comportamento um traço do seu carácter que já manifesta nos primeiros anos: uma sensibilidade especial que o levava a sentir mais o sofrimento alheio, particularmente o dos seus, que o próprio<sup>81</sup>. Em 1964, evocando estes anos, dizia: «Eu fiz sofrer sempre muito aqueles que tinha junto de mim. Não provoquei catástrofes, mas o Senhor, para me dar a mim, que era o cravo – perdão Senhor –, dava uma no cravo e cem na ferradura. E vi o meu pai como a personificação de Job. Perderam três filhas, uma após a outra, em anos consecutivos, e ficaram sem dinheiro. Eu senti os ataques dos meus pequenos colegas; porque as crianças não têm coração ou não têm cabeça; ou talvez não tenham nem coração nem cabeça...»<sup>82</sup>.

O contexto destas palavras coincide com as datas da sua primeira comunhão. Por um lado, já havia falecido a mais nova das irmãs, Rosario<sup>83</sup>, e, no que diz respeito ao negócio familiar, D. José tinha motivos para estar preocupado com a situação da empresa e da acção judicial que, após a fase final nos tribunais de Barbastro, continuava em Saragoça. Em concreto, a 15 de Abril de 1912 ficou

marcado para o dia 20 de Maio o visto definitivo dos autos, prontos para a leitura da sentença. Como depois se verificou, não havia motivos para optimismos<sup>84</sup>. A notícia da Audiência de Saragoça chegaria a Barbastro nas vésperas da cerimónia, e ainda que D. José não tivesse dado a conhecer os motivos da sua preocupação aos filhos, Josemaría pressentiu algo: por um lado, certa inquietação que notava no semblante dos pais, e por outro, os comentários da rua, talvez também dos seus pequenos colegas, pois estas notícias correm e comentam-se com facilidade nas localidades pequenas. Tudo isto leva a pensar que a sua tendência para evitar sofrimento aos seus, se fortalecesse com o ambiente que pairava, e decidiu não falar da ferida sofrida para não acrescentar mais preocupações.

Por fim, no dia de São Jorge, a 23 de Abril de 1912, festa em Aragão, Josemaría recebeu pela primeira vez a comunhão eucarística na igreja do Colégio das Escolas Pias de Barbastro<sup>85</sup>. No *Livro de Registo* da Paróquia da Assunção de Barbastro consta que, a partir dessa data, cumpriu o preceito pascal, com os seus pais e irmã Carmen, durante os anos que viveu na capital do Somontano.

Em São Josemaría, a recordação da sua Primeira comunhão foi algo mais que a lembrança de um dia feliz da sua infância. Especialmente a partir dos começos da sua vocação – após a experiência interior da contemplação das pegadas de um carmelita descalço sobre a neve, em Logronho, em 1918 –, Josemaría Escrivá meditou sobre os factos passados para descobrir a acção de Deus na sua alma e entender melhor a missão recebida. Desde essa perspectiva, foi valorizando e agradecendo cada vez mais aquela primeira vez em que recebeu a Jesus Sacramentado, crescendo em intensidade a sua gratidão especialmente nos aniversários: eram dias de festa interior, em que se esmerava por vivê-los com o maior recolhimento e devoção<sup>86</sup>.

## Notas

1. Na liturgia das igrejas orientais, administram-se também estes três sacramentos, numa mesma cerimónia, no batismo das crianças, ficando a catequese sobre a fé cristã para mais tarde.
2. As principais biografias, por ordem de publicação, são: Salvador BERNAL, *Mons. Josemaría Escrivá de Balaguer. Apontamentos sobre a vida do Fundador do Opus Dei*, Lisboa, 1980; François GONDRAND, *Au pas de Dieu*, Paris, 1982; Peter BERGLAR, *Opus Dei. Lebe und Werk des Gründers Josemaría Escrivá de Balaguer*, Salzburg, 1983; Ana SASTRE, *Tempo de Caminhar*. Lisboa, 1994; Andrés VÁZQUEZ DE PRADA, *O Fundador do Opus Dei. I. Senhor, que eu veja!*, Lisboa, 2002.
3. Este voltar, com a memória, às origens foi um procedimento habitual na vida do Beato Josemaría. Era um modo de recordar a acção de Deus na sua alma para, deste modo, se esforçar por compreender melhor os planos e projectos de Deus e, por sua vez, agradecer os benefícios recebidos.
4. Uma descrição do vestido de baptizado em Ana SASTRE, o.c..
5. Cfr. Certidão de Baptismo, de 29 de Junho de 1918, junto do processo de excardinação de Barbastro (no Arquivo da Diocese de Calahorra-La Calzada-Logroño); cfr., também, Certidão de Baptismo, de 15 de Setembro de 1922, do

processo da Tonsura e Ordens menores (Arquivo Diocesano de Saragoça, Secção *Espedientes de Órdenes*). O original da Certidão de Baptismo na fólho 115 do *Livro XLIII de Sacramentos* (Baptismos) do arquivo da Paróquia de Nossa Senhora da Assunção (Catedral), de Barbastro.

6. A pia baptismal ficou muito danificada durante a guerra civil. Ainda que restaurada ao acabar a guerra, não ficou bem e o Cabido decidiu substituí-la por outra. Mons. Santos Lalueza Gil (1912-1996), que foi cónego da Catedral de Barbastro e Vigário Geral da diocese, nas suas recordações, recolhidas por Manuel Garrido (vid nota 45) em 1992, relata como chegou a pia baptismal a Roma. E conta que, poucos meses depois da decisão do Cabido, recebeu a visita do P.e José Orlandis: «perguntou-me pela antiga pia baptismal que havia na Catedral – na Paróquia de Nossa Senhora da Assunção – e que tinha sido substituída por uma nova porque a velha estava totalmente partida e cheia de fendas. Tinha estado em uso ainda depois da guerra, até há pouco tempo, mas muito mal sustentada por pasta de cimento. O seu interesse residia em que a antiga pia baptismal era uma piedosa recordação para o Opus Dei já que nela tinha sido baptizado o Padre, sua mãe e sua irmã Carmen. Os restos, considerados sem serventia, da velha pia baptismal, tinham sido lançados ao rio. Assim o disseram ao P.e. José Orlandis: “Ali estarão se os não levou a cheia”. Fomos então procurar quem se tinha encarregado de os lançar ao rio. Confirmou-me que efectivamente os bocados estavam ainda no leito do Vero e podiam identificar-se bem porque a pia tinha sido esculpida em pedra de Zaidín, uma pedra calcária, muito diferente da de aqui, que é arenosa. Depois de verificar que eram efectivamente os restos da antiga pia baptismal da Catedral, a mesma pessoa levou-os para o jardim do Paço episcopal e o carpinteiro – António Durán – encarregou-se de embalar aquelas pedras soltas. Recordo bem que aquele carpinteiro não entendia porque era necessário embalar e enviar para Madrid uma coisa sem valor: “Estas pedras não podem interessar a ninguém”, dizia. Pouco depois saíam as caixotes de madeira para Madrid e, quando chegaram a Roma – não sei como foram enviadas – o Padre escreveu-me as seguintes linhas para me agradecer, a 21 de Abril de 1959: “Hoje escrevo também ao Senhor Bispo, como faço a V.Rev.a, para lhes agradecer do coração a grande alegria que me deram ao enviar os restos da pia baptismal, que acabam de chegar a Roma. Restauram-se aqui, e os meus filhos colocarão esta venerável recordação num lugar de honra [...]. Peço-lhe que apresente ao Venerando Cabido o meu agradecimento pessoal, por este gesto tão cheio de delicadeza”. Soube depois que esta relíquia, perfeitamente restaurada, está actualmente na entrada da que é a igreja prelatícia de Santa Maria da Paz, em Roma, e que se usa como pia de água benta» (RHF, T-13061).

7. No *Liber de Gestis* do Cabido da Catedral de Barbastro, ano 1635, fol. 38 v., lê-se: «En 14 de nobiembre de 1635 hubo Cabildo asistieron los Srs. Deán, Sarvisa, Caberni, Garcia, Exea, Pueyo, y Turlan Coadjutor propusose que attento estava la pila de bautizar endida en dos o tres partes de banda a banda y con muy dificultoso remedio e casso que le hubiere no seguro y muy costoso se resolvio que se hiciere nueva de piedra de Zaydin con la comodidad posible para lo qual se dio orden al Can<sup>o</sup> Garces fabriquero tratara con brevedad de hacerla por la mucha necesidad que della se tiene».

8. Junto à Pia Baptismal, na parede, há uma lápide com a seguinte inscrição: «Hunc sacrum baptismatis fontem Sanctae Ecclesiae Cathedralis Barbastrensis, in quo Conditor noster eiusque mater et soror aquas regenerationis acceperunt, Hispanico bello flagrante anno MCMXXXVI in odium religionis diruptum, Operi Dei ab

Episcopo et Capitulo anno MCMLVII dono datum, Consilium Generale atque Assessoratus Centralis ad pristinam formam anno MCMLIX restituere fecerunt».

9. Assim, por exemplo, D. José Escrivá Corzán nasceu e foi batizado, a 15 de Outubro de 1867, por D. António Comet, Pároco de Fonz (cfr. Arquivo da paróquia da Assunção de Nossa Senhora, de Fonz, Livro de Baptismos, Livro 9º, fol.271); e Dona Dolores Albás Blanc nasceu e foi batizada, a 23 de Março de 1877, por D. Teodoro Valdovinos, pároco de Barbastro (cfr. Arquivo da Paróquia de Nossa Senhora da Assunção [Catedral], de Barbastro, Livro XXXVII de Sacramentos [Baptismos], fol. 115). No AGP guardam-se certificados destes assentos de batismo, com data de 22-XII-1966 e 30-VIII-1966, respectivamente.

10. Foi a 17-VIII-1905. Cfr. fólio 35 do *Livro XLIV de Sacramentos* (Baptismos) do arquivo da Paróquia de Nossa Senhora da Assunção (Catedral), de Barbastro. - «Chon» assim chamava a família à sua irmã Asunción.

11. Celebrou-se a 17 de Fevereiro. Cfr. fólio 64 do *Livro de Sacramentos* (Baptismos) do arquivo da Paróquia de Nossa Senhora da Assunção (Catedral), de Barbastro.

12. Baptizou-se a 10-X-1909. Cfr. fólio 115v do *Livro de Sacramentos* (Baptismos) do arquivo da Paróquia de Nossa Senhora da Assunção (Catedral), de Barbastro.

13. Ainda hoje, na prática das igrejas orientais, os sacramentos da iniciação cristã administram-se inseparavelmente na mesma cerimónia, quer sejam jovens ou adultos. Actualmente, no rito latino, administra-se o sacramento da confirmação, após um período de catequese.

14. Cfr. *Libro de Confirmaciones* da Paróquia da Assunção de Fonz, que começa em 1656. No grupo dos meninos figuram José e Joaquín (Fólio 113, com os números 14 e 15 respectivamente). Entre as meninas está Victoriana, com o número 146.

15. Em 1843 – nos últimos tempos da regência de Espartero – vários bispos da zona ficavam anos fora das suas dioceses, desterrados pelo Governo ou exilados por sua decisão. Assim, o bispo de Barbastro, D. Jaime Fort e Puig, desterrado desde 1837 em Pau, nos Pirenéus franceses, não pôde regressar à sua diocese até 1846; o D. Julián Alonso, Premostratense, bispo de Lérida, a cuja diocese pertencia Fonz, tinha-se exilado e morreria em Nice em 1843, não sendo nomeado seu sucessor até 1848; D. Simón Guardiola, O.S.B., bispo de Seo de Urgel, esteve igualmente desterrado até 1846. Os únicos bispos residenciais da região não expatriados foram o de Jaca e o de Huesca, D. Lorenzo Ramo, Escolápio, que em 1830 tinha sido o Geral das Escolas Pias e depois, em 1833 aprovado bispo de Huesca. Como é sabido, a instituição fundada por São José de Calasanz foi a única Ordem religiosa não suprimida nessa época pelos decretos de expulsão e de supressão de Ordens e Congregações religiosas do ministro Mendizábal. Talvez por essa razão D. Lorenzo Ramo gozava de certa liberdade de movimentos, quando em Junho de 1843 – desde Março estava politicamente liquidada a regência, ainda que até Julho tivesse havido distúrbios por Aragão – pôde administrar a confirmação em Fonz, a primeira que se fazia ali depois de bastantes anos, a quase seiscentas pessoas.

16. Cfr. *Libro de Confirmaciones* da Paróquia da Assunção de Fonz; e Certidão de Confirmação, no Processo eclesiástico de Teodoro Escrivá Corzán, no Arquivo da Diocese de Lérida.
17. Cfr. *Livro XLIII de Sacramentos* (Confirmações), da Paróquia da Assunção (Catedral), de Barbastro, fol.1 e 2.
18. Cfr. *Archivo Municipal de Barbastro. Actas. Sesión Ordinaria* 9-XII-1901, p. 146. Uns meses mais tarde são denunciadas diversas actividades ao governador civil da província, que dirige um telegrama ao alcaide Sr. Lolumo do seguinte teor: «Digne-se V. apresentar-se imediatamente neste Governo para dar explicações sobre várias denúncias que contra a sua gestão se apresentaram no mesmo» (*Archivo Municipal de Barbastro. Actas. Sesión Ordinaria* 19-I-1903, pp. 132-133). Devo esta informação a Martín Ibarra Benlloch.
19. O relato mais extenso e detalhado deste episódio encontra-se em Ana SASTRE, *Tempo de Caminhar*, o.c, e Andrés VÁZQUEZ DE PRADA, o.c., pp. 29-30.
20. Ignacio Camps Valdovinos, que tinha sido padrinho da confirmação.
21. Assim consta no Testemunho de Fernando Valenciano (RHF, T-05362), que situa este relato do Fundador do Opus Dei na noite de 14-I-1962, em Roma. – Fernando Valenciano Polack (Sevilha 1923), Engenheiro civil, era membro do Conselho Geral do Opus Dei desde 1961. Actualmente é sacerdote. – Adriana Corrales Codina, nascida em 1901, amiga de infância dos Escrivá, também afirma que a enfermidade foi meningite (RHF, T-08202). No mesmo sentido se pronuncia a Irmã Consuelo Bielsa Tagüeña (Barbastro 1901) no seu testemunho (RHF, T-05823).
22. A investigação apoiou-se no *Livro de Óbitos* da Paróquia de Nossa Senhora da Assunção (Catedral) de Barbastro, do ano de 1904. Não foi possível investigar no Registo Civil de Barbastro, pois a documentação anterior a 1936 foi destruída durante a Guerra Civil.
23. Agradeço ao Prof. Julio González-Simancas o acesso ao seu trabalho não publicado, intitulado *Epidemia infantil em Barbastro durante o Outono de 1904*. Daí procedem os dados acima usados. Aos números acima referidos teria que acrescentar os da Paróquia de São Francisco, criada dois anos antes, em 1902. A investigação que está a fazer o Dr. Martín Ibarra, que também consultou os arquivos municipais, confirma a existência de uma epidemia nesses meses.
24. Cfr. Testemunho de Fernando Valenciano Polack (RHF, T-05362).
25. Cfr. AGP, P01 1977, p. 121.
26. Testemunho de Adriana Corrales Codina (RHF, T-08202).
27. Apontamentos tomados dessa meditação, na antiga basílica de Nossa Senhora de Guadalupe (México), a 20-V-1970, recolhidos em Pedro CASCIARO, *Soñad y quedareis cortos*, 11<sup>a</sup> ed. Madrid 1999, p. 223.
28. Nessa mesma meditação, disse um pouco depois: «Ao recordar agora esse primeiro acto de infância, cumprido com vontade de render-te homenagem ...» (ibidem, p. 224).
29. Na *Entrevista sobre el Fundador del Opus Dei*, realizada por Cesare Cavalleri a Mons. Álvaro del Portillo (8<sup>a</sup> ed., Madrid 1995) na p. 60 lêem-se estas palavras do Beato Josemaría: «Recordo que um rapazinho, ao rezar o Senhor meu Jesus Cristo,

em vez de dizer propósito de emenda, pronunciava “de almendra”. Não sabia o que era emenda, mas as amêndoas, sim, porque gostava delas. Esse menino era eu».

30. Meditação *Los pasos de Dios*, Roma 14-II-1964 (AGP, P09, p. 69).

31. Na falta de um estudo directo, apoio-me para esta afirmação, na leitura que fiz em finais dos anos setenta de algumas páginas dos *Libros de Matrícula* da Catedral de Barbastro, dos anos finais do século XIX e começos do XX, escolhidas as páginas e os livros de modo aleatório. Nesses livros se registava, entre outras coisas, o cumprimento pascal dos habitantes das diferentes casas da cidade, e constatava-se que rondava os 100%.

32. Na Catedral havia duas datas anuais que reuniam os fiéis de Barbastro à roda do Bispo. Uma era a Noite de Natal, em que se celebrava com grande solenidade a Missa do Galo. Outra era o Domingo de Páscoa, festa na qual o Bispo dava solenemente a Bênção Papal.

33. Na Igreja de São Bartolomeu existia, desde 1880 aproximadamente, a Associação do Pilar, que promovia cerimónias em honra dessa invocação mariana. Na paróquia da Catedral havia a Confraria do Santo Rosário, que organizava na igreja de São Bartolomeu os Rosários da Aurora, que se celebravam todos os domingos e festas desde o dia 1 de Outubro até à Páscoa da Ressurreição e terminavam com uma Missa ao amanhecer. Também se organizava uma Hora Santa que ia correndo as diferentes igrejas da cidade.

34. Costumavam ser especialmente concorridas as procissões nas quais saía o Cristo dos Milagres, muito venerado na cidade; a assistência aumentava notavelmente se a procissão se fazia por algum motivo especial: pedir o fim da seca, pela paz, etc. Assim, por exemplo, ao agudizar-se a crise provocada por pertinaz seca de anos, a 1 de Março de 1896, a Câmara, junto com o Cabido, organizou uma procissão de preces ao santuário de São Raimundo, e começou uma novena de missas que se celebraram na capela do Santo Cristo dos Milagres da Catedral. A concorrência às missas da novena foi numerosa. Lê-se no periódico *La Defensa*: «assistem pessoas de todas as classes sociais e tanto o lavrador como o capitalista elevam as suas preces ao Céu». Por fim, tomou-se a decisão de levar processionalmente pelas ruas de Barbastro o Santo Cristo dos Milagres, e diz a crónica do mesmo periódico: «tomaram parte todas as Confrarias e Irmandades religiosas, Ordens monásticas e colégios; o Ilustríssimo Cabido da Catedral e a Excelentíssima Câmara; as autoridades eclesiásticas, civis e militares e uns quatro mil barbastenses com velas acesas [...]. Nunca se viu concorrência maior, que quase enchia toda as ruas do itinerário» (*La Defensa*, 15-III-1896).

35. O Beato Josemaría recordou em mais do que uma ocasião, as palavras da sua mãe: «vergonha só para pecar». Quem conviveu com Dona Dolores testemunhou a sua facilidade para dizer oportunamente algum provérbio ou dito, cheio de senso comum e cristão, quando as circunstâncias o requeriam. Relativamente a sua avó paterna, Constancia Corzán, eu mesmo o ouvi directamente dos lábios do Fundador do Opus Dei, referir ditos, como se fossem jaculatórias, algumas quase «aleluias» de rima fácil, que intercalava amiúde na conversa.

36. Com o novo século adquirem força os projectos *regeneradores*, liderados por Joaquín Costa, que em 1892, criou em Barbastro a Câmara Agrícola do Alto Aragão, num acto multitudinário celebrado na praça de touros, que mobilizou poderosamente

as chamadas «massas neutras» do Alto Aragão para um programa de reforma política baseada na política de águas e associativismo agrário e comercial, de carácter regionalista.

37. Por exemplo, o seu avô José Escrivá Zaydín, a partir de Abril de 1871 foi eleito em várias ocasiões juiz municipal de Fonz, de acordo com a nova Lei do Poder Judicial, aprovada provisoriamente em 1870. Também na família da sua mãe houve parentes comprometidos com as agitações do Sexénio revolucionário.

38. Assim, por exemplo, quando Joaquín Costa acentua nos seus projectos uma certa obsessão anti-clerical, a maioria da classe média, de pendor liberal e católico, afasta-se da política e converte-se de novo em «neutra», ainda que veja com simpatia outros aspectos da mensagem regeneradora de Costa. Também é bom lembrar a reacção eficaz dos católicos de Barbastro quando Canalejas (1910) levantou a «questão religiosa» ou Romanones (1913) e tentou suprimir o catecismo da escola pública.

39. Cfr. Manuel REVUELTA GONZÁLEZ, *El anti-clericalismo español en sus documentos*, Barcelona 1999, especialmente no cap. 4º, «El anti-clericalismo como reacción a la recuperación eclesiástica durante la Restauración (1875-1900)», pp.87-111, e o cap. 5º, «El anti-clericalismo de principios del siglo XX. Desde *Electra* a la *Ley del Candado* (1901-1912)», pp. 113-133.

40. Não se conhecem conflitos graves entre a autoridade civil e a hierarquia eclesiástica de Barbastro, salvo o litígio – que remonta a 1845 – sobre a propriedade da sede do Seminário, controversia que o partido Republicano agitava periodicamente na sua propaganda demagógica de teor anti-clerical.

41. Pode afirmar-se que o integrismo político e religioso, salvo casos muito isolados, são alheios a Barbastro. E mais, inclusive outros movimentos de certo teor confessional moderno, como o dos Novos Católicos de fins do século, assim como o desenvolvido depois por Severino Aznar desde Saragoça, não parecem ter encontrado eco na cidade. Tudo leva a pensar que o barbastrense superava, mais ou menos conscientemente, a tendência para o clericalismo.

42. Na família do Fundador do Opus Dei, por exemplo e sem ir mais longe que os tios paternos ou maternos, encontramos três sacerdotes e duas religiosas. Os sacerdotes são: Carlos e Vicente Albás Blanc, e Teodoro Escrivá Corzán. E as religiosas: Maria Cruz Albás Blanc, carmelita da antiga observância, em São Miguel de Huesca, e Pascuala Albás Blanc, Filha da Caridade, que acabou os seus dias em Bilbao.

43. Este gosto era mais patente nos Cónegos da Catedral, o Reitor e corpo docente do Seminário, e o clero de Barbastro cidade. – Na «informação sobre o Episcopado e o Cabido de Espanha», redigido por Mons. Antonio Vico, secretário então do Núncio em Espanha, e datado de 31-XII-1890, encontram-se estas afirmações sobre o clero de Barbastro: «O clero em geral é trabalhador e submisso à autoridade; só que, como noutras regiões, está sob a influência dos leigos, inclusive pertencentes a partidos avançados, e apoia as suas candidaturas nas eleições, levado pela esperança de uma recompensa para si ou para algum membro da sua família». O texto encontra-se em Vicente GÁRCEL ORTÍ, *León XIII y los católicos españoles*, Pamplona, 1988, p. 331.

44. Na «informação» citada na nota anterior, lê-se a este respeito (p. 332): «As autoridades civis são respeitadoras para com o vigário [capitular de Barbastro] e

estão em boas relações com ele. Desde há vários anos estão de acordo para conseguirem do Governo a reposição da sé episcopal, ou que ao menos se nomeie para Barbastro um administrador apostólico com carácter de bispo». – Esta última solução foi a que prevaleceu e a 24 de Janeiro de 1896 foi proposto como Bispo Administrador Apostólico de Barbastro o arcepreste da catedral de Ciudad Real. D. Casimiro Piñera y Naredo. Assim se comenta a notícia no jornal de ideologia liberal – em concreto, Posibilista Castelar –, *A Defensa*: «Barbastro está de parabéns. Oito anos temos estado de armas na mão defendendo a independência desta antiquíssima diocese, desde que em dia de incerteza para este povo, circulou o rumor da sua agregação a Huesca ou a Lérida, assim hoje, ao ficar definitivamente assente a sua independência episcopal, o júbilo maior e mais sincero inunda a nossa alma. A notícia da nomeação do M.I. Sr. Piñera circulou com a velocidade de um raio por toda a diocese, trasbordando o entusiasmo popular, e reflectindo-se em todos os semblantes a satisfação com que tinha sido recebida. Os sinos repicaram».

45. A incerteza sobre a permanência da diocese de Barbastro persistiu até tempos recentes. Também o Beato Josemaría se interessou de modo positivo e activo por esta questão. Cfr. sobre este tema, «Monseñor Escrivá e la recuperación de la diócesis de Barbastro», em Manuel GARRIDO, *Barbastro y el Beato Josemaría*, Barbastro, 1995, pp. 111-123.

46. Uma das queixas mais frequentes dos camponeses era causada pelo sistema liberal de contribuição dos prédios rústicos. Sobre critérios de produção por hectare, fixava-se a rendimento médio do campo, e sobre essa base calculava-se a contribuição. Parece que esses critérios não se ajustavam à realidade do campo alto-aragonês, cujas colheitas dependem de vários factores climatéricos, variando o rendimento dos campos substancialmente de um ano para o outro. Contudo, a contribuição era sempre a mesma, tivesse sido boa ou má a colheita. Como consequência bastantes agricultores perderam as suas terras, que passaram para mãos públicas, face à impossibilidade de pagarem a contribuição em sucessivos anos maus (cfr. *La Defensa*, de Barbastro, editorial de 6-XI-1887). Uma nota que vem igualmente no jornal local *La Defensa*, de 1-III-1896, pode esclarecer este problema: «De 1875 a 1895, a Fazenda confiscou 1 932 475 quintas [em toda a Espanha] por falta de pagamento das contribuições. Estas quintas pertencem, como é sabido, aos pequenos agricultores que não podem pagar os excessivos tributos que pesam sobre a sociedade rural, não lhes permitindo sobreviver, sendo consequência natural o facto tristíssimo de terem emigrado nos últimos anos 650 000 espanhóis, que foram procurar em terras estranhas o modo de vida que não encontram aqui. A terça parte destas quintas encontra-se no mais completo abandono». Houve até quem tivesse saudades do imposto da décima que incidia sobre as colheitas.

47. Cfr. Leslie DERFLER, *Paul Lafargue and the Founding of French Marxism, 1842-1882*, Cambridge (Massachusetts), 1991, pp.113-114.

48. Homilia «Viver face a Deus e face aos homens», Roma, 3-XI-1963, em *Amigos de Deus*, 170.

49. A emigração no Alto Aragão foi contínua desde 1860. Costuma dividir-se em dois períodos: desde essa data até final do século XIX, e de 1900 a 1920. O total de emigrados calcula-se em 48 700. Durante o segundo período a emigração foi mais intensa, estimando-se em 25 600 o número de emigrantes.

50. Depois de perder uns 1 000 habitantes desde 1875 (7 897) a 1890 (6 784), em 1910 tinha 7 202 habitantes, chegando a alcançar 8 148 em 1915.

51. Cfr. *La Cruz de Sobrarbe*, de 21-I-1897, ou *La Defensa*, de 7-II-1897. Seguindo o uso então habitual, organizam-se colectas para refeições, rifas de beneficência, socorros do Roupeiro de Meninas ou dos Varões e Senhoras das Conferências de São Vicente de Paulo. Segundo se lê em *La Cruz de Sobrarbe*, numa reunião com o Bispo, «chegou-se a acordo que as ajudas aos necessitados fossem em géneros e ao domicílio» (21-I-1897). Também relata o jornal um aumento de mendicidade e de delinquência.

52. Desde o começo do século, o Boletim da Diocese publica disposições do prelado no sentido de orientar e ajudar os emigrantes para que sofram o menos possível na deslocação de Barbastro para as grandes cidades. Em concreto, sobre os anos 1910-1911, cfr. Julio González-Simancas, *El Fundador del Opus Dei e el «Pele»*. *Una hipótesis historiográfica*, especialmente o suplemento «Ambiente religioso de Barbastro en 1910-1911», «Cuadernos del Centro de Documentación y Estudios Josemaría Escrivá de Balaguer», nº 2, Pamplona, 1998, pp.51-55.

53. No século XIX ocorreu em Espanha um tremendo processo de «analfabetização», especialmente agudo no mundo rural, causado pelas medidas desamortizadoras de Mendizábal e as leis da supressão e expulsão das ordens religiosas. Em virtude destas disposições, fecharam inúmeras escolas que eram promovidas pelas instituições religiosas ou pelas câmaras, e ministravam a instrução e a cultura em boa parte do território nacional. Pois bem, uma excepção que se detecta em Barbastro é a menor influência destas medidas nefastas, pois os escolápios não foram afectados pelas leis da expulsão, e o colégio de Barbastro continuou a sua função educativa sem interrupções. – Sobre a não aplicação da Expulsão aos Escolápios, ver: Francisco Javier PAREDES ALONSO, *Pascual Madoz, 1805-1870: libertad y progreso en la monarquía isabelina*, Pamplona, 1982, pp. 26-29, onde Madoz fala dos seus anos de aluno nos escolápios, precisamente no Colégio de São Lourenço, de Barbastro.

54. Certamente o Magistério Pontifício sobre as questões sociais foi acolhido em Barbastro com interesse e respeito. Assim, por exemplo, as actividades assistenciais, a partir da *Rerum Novarum* organizam-se melhor em sociedades cooperativas ou de ajuda mútua, cuja finalidade era não só económica, mas também religiosa e instrutiva. Não obstante, mantêm-se as actividades que, desde a Restauração se realizavam, tais como a promoção de campanhas colectivas de caridade, obras benéfico-religiosas, Círculos operários, etc.

55. Homilia «Rumo à santidade», 26-XI-1967, em *Amigos de Deus*, 296.

56. Parece como se implicitamente desse a entender que assim começou o seu caminho para Deus. De facto, mais tarde, nos seus escritos, irá propor este caminho, como que avalizado pela sua experiência. Assim, no prólogo do *Santo Rosário*, lê-se : «O princípio do caminho, que tem como fim a completa loucura por Jesus, é um confiado amor a Maria Santíssima». E em *Caminho*: «A Jesus sempre se vai e se “torna a ir” por Maria» (n. 495).

57. Artigo póstumo «La Virgen del Pilar», publicado no «Livro de Aragón», Saragoça, 1976. Foi reproduzido na revista *Palabra*, n.ºs 144-145, Madrid, 1980, pp. 29-32. – Em 1970 tinha-se expressado de modo parecido: «A devoção à Virgem do Pilar acompanhou-me sempre: os meus pais com a sua piedade de aragoneses,

inculcaram-na na minha alma desde criança (artigo «Recordações do Pilar», publicado em *El Noticiero*, Saragoça, 11-X-1970).

58. Em Barbastro difundia-se a devoção à Virgem sob estas invocações, a partir dos conventos das Filhas da Caridade de São Vicente de Paulo e dos Missionários do Imaculado Coração de Maria.

59. Também havia imagens da Assunção de Nossa Senhora na igreja paroquial de Fonz, onde o Beato Josemaría passou alguns verões durante a sua infância.

60. Cfr. Testemunho de Adriana Corrales Codina (RHF, T-08202).

61. Cfr. Testemunhos de Pascual Albás Llanas (RHF, T-02848), de Sixta Cermeño, viúva de José Maria Albás Llanas (RHF, T-02856), e de Enrique Ferrer Calero (RHF, T-02220), primo segundo do Beato Josemaría.

62. Testemunho de Adriana Corrales Codina (RHF, T-08202), que prossegue: «Aquele oratório, que pertencia à família Sahún, não existe desde há muitos anos. Havia um Capelão que cuidava do culto da capela, que era a sede da Confraria do Rosário da Aurora. Um retábulo de São Bartolomeu encontrava-se ao fundo, e havia outros altares, entre os que recordo um era dedicado à Virgem do Pilar». Adriana deve referir-se seguramente ao actos de culto que se celebravam nessa igreja – Hora Santa, Rosário da Aurora, etc. – organizados pela paróquia da Catedral.

63. A isto alude, provavelmente o ponto 557 de *Caminho*, que teria origem neste costume familiar natalício. Dolores Fisac (RHF, T-04956) é testemunha de que Dona Dolores pronunciava as palavras finais do ponto do Caminho - «Nunca me pareceste mais homem do que agora, que pareces uma criança» –, durante a instalação do Presépio pelo Natal.

64. Testemunho de Esperanza Corrales Codina (RHF, T- 08203). – Esperanza (1899-1981), irmã de Adriana, era filha de Jesus Corrales Puyol, várias vezes vereador na Câmara de Barbastro, editor de *El Cruzado Aragonês*, e amigo de D. José Escrivá. Esperanza era amiga de Carmen Escrivá.

65. Testemunho de Pascual Albás Llanas (RHF, T-02848).

66. Assim, numa nota aparecida em *La Defensa*, de 7-II-1887, lê-se que a firma comercial «Sucedores de Cirilo Latorre» de que era proprietário D. José Escrivá, com outros dois sócios, dava à «Subscrição mensal para ajuda da classe operária pobre de Barbastro» a quantia de 15 pesetas. Há que ter em conta que dos 118 nomes que aparecem na lista, somente um contribui com 30 pesetas; dois com 25, três com 20 e seis com 15.

67. Meditação *Los pasos de Dios*, Roma 14-II-1964 (AGP, P09, p. 69).

68. Em concreto, a prima Rosario Albás Blanc professou como Filha da Caridade em 5-XII-1890. Mais tarde, a sua irmã Pascuala, a décima segunda filha do casal, dois anos mais velha que Dona Dolores, também ingressou no noviciado das Filhas da Caridade em 1891. Pascuala faleceu em Begoña em 1910. Segundo o testemunho de Pedro Casciaro, também Dona Dolores, considerou, com a idade de doze ou treze anos, se seria esse o seu caminho. Resolveu o problema com grande simplicidade: como ficava com tonturas pouco depois de estar de joelhos, deduziu que não poderia ser uma freira piedosa, e concluiu que Deus não a chamava para essa vida (cfr. Testemunho de Pedro Casciaro, intitulado *Algunas confidencias de la Abuela*; em RHF, T-04197).

69. Cfr. Andrés VÁZQUEZ DE PRADA, o.c. pp. 37-39.

70. *Ibidem*, p.38, nota 66.

71. Devo esta informação às investigações levadas a cabo por Benito Badrinas y Julio González- Simancas. O nome da religiosa aparece na p. 198 do livro de A. Montero, editado em Madrid pela BAC.

72. A Irmã Rosario ficou órfã muito cedo e uns tios seus, residentes em Barbastro, adoptaram-na. Nesta cidade viveu e se educou, até que em 1892 ingressou nas Filhas da Caridade, partindo para o noviciado. Em 1895, procedente de Barcelona, regressou a Barbastro e foi nomeada directora do infantário do Colégio das Filhas da Caridade. Anos mais tarde destinaram-na a Valladolid, para o Hospital, e depois a Valência, para o asilo de Santo Eugénio. Nesta cidade surpreendeu-as a guerra. Em 27 de Julho, com outras duas religiosas, refugiaram-se em casa de uns parentes de uma delas, em Puzol (Valência). A 18 de Agosto de 1936, foram descobertas e detidas. A 19, às cinco da manhã, num laranjal situado entre a Llosa e Almenara (Castellón), fuzilaram-nas (cfr. Elias FUENTE, *Paúles e Hijas de la Caridad Mártires*, 1936, Madrid 1942, pp. 286-288).

73. Testemunho de Maria Dolores Lacau Ballarín, assinado em Barbastro a 25-VII-1988 (RHF, D-12842). Dolores Lacau era casada com Martín Sambeat, amigo de infância e companheiro de Josemaría Escrivá no colégio dos Escolápios.

74. Apontamentos de uma tertúlia em «La Chacra» (Buenos Aires), 16-VI-1974 (AGP P04, 1974, I, pp. 437-438). O contexto é uma reunião com casais, em «La Chacra», uma quinta perto de Buenos Aires. A meio da tertúlia uma senhora tomou a palavra e contou pormenores da devoção à Virgem do seu filho de cinco anos. Quando concluiu a história, o Beato Josemaría comentou: «isso é vida contemplativa; quando eu tinha essa idade era muito piedoso, mas não tinha vida contemplativa».

75. Oficialmente chamavam-se: Escola elementar incompleta, Escola elementar completa e Escola de Ampliação, como pode ler-se no *Boletín Oficial de la Diócesis de Barbastro*, Novembro de 1908.

76. Testemunho de José Mur Cavero (RHF, D-03268). José Mur, sacerdote escolápio, nasceu em 1903, em Barbastro. (Foi contemporâneo do Beato Josemaría pelo menos no ano lectivo de 1910/11 na Escola de Escrever); e no de 1911/12 na Escola Nova. No ano seguinte José Mur entrou como postulante nos Escolápios. Estes postulantes viviam no internato do Colégio com um regime aparte; mas tinham aulas de latim em comum com os que frequentavam o liceu. Na nota necrológica publicada no *Boletín Oficial de la Diócesis de Barbastro* (Janeiro-Fevereiro de 1991, p. 57) lê-se: «No dia 2 de Novembro faleceu em Barbastro, onde havia nascido, o P.e José Maria Mur Cavero, escolápio. Contava 87 anos de idade. No Colégio dos Escolápios foi armada capela ardente e durante todo o dia 2 de Novembro muitos amigos e antigos alunos passaram por ali para lhe renderem uma última homenagem. O P.e Mur tinha começado os seus estudos em Barbastro, sendo então companheiro de classe de José Maria Escrivá de Balaguer. Depois ingressou na Escola Pia. Desenvolveu o seu trabalho de educador durante 17 anos na Argentina e, de regresso, esteve nos Colégios de Molina de Aragón, Daroca e Sos do Rei Católico, até que foi destinado ao de Barbastro. No dia 3 de Novembro celebrou-se a Missa de *corpore insepulto* na própria igreja do Colégio, que foi presidida pelo Bispo da Diocese, D. Ambrósio Echebarria. Concelebraram mais de

setenta sacerdotes, escolápios vindos de diversas comunidades e sacerdotes diocesanos, estes em grande número. Descanse em paz este benemérito educador».

77. Cfr. *Carta del P. Eugenio Torrente de San José de Calasanz, Prepósito Provincial de las Escuelas Pías de Aragón, a los RR. PP. Rectores e Maestros de las Escuelas de nuestra Provincia*, Saragoça, 1-XI-1896 (fotocópia em RHF, R-12136, Anexo III). Esta carta tem dezassete artigos gerais, mais uma nota particular dos artigos específicos para o Colégio de Barbastro, relativos às festividades próprias Deste Colégio.

78. Decreto *Quam singulari*, da S. C. de Sacramentis, Roma 8-VIII-1910, em *Acta Apostolicae Sedis* II (1910), 577-583.

79. *Boletín Oficial de la Diócesis de Barbastro*, 1910, pp. 287-288.

80. Este acontecimento vem narrado em Andrés VÁZQUEZ DE PRADA, o. c., pp. 50-51. As pessoas para as quais remete Vázquez de Prada para testemunhar este facto (ver nota 97), têm a sua fonte nos relatos ouvidos à mãe e à irmã do Beato Josemaría.

81. Em data não determinada houve um acontecimento de características análogas: quando ia pela rua, um cão mordeu-o e causou-lhe uma pequena ferida. A reacção foi ir a casa da sua tia Mercedes Llanas, mulher de Maurício Albás, para que o tratasse, e assim evitar – pensava – um desgosto à mãe.

82. Meditação *Los pasos de Dios*, Roma 14-II-1964 (AGP, P09. p.70).

83. Faleceu a 11-VII-1910. Cfr. *Livro XLIV de Óbitos*, fol. 72, da Paróquia da Assunção de Barbastro.

84. O caso chegou às últimas instâncias e a sentença foi favorável aos interesses da empresa «Juncosa y Escrivá». Cfr. Sentença ditada pelo Supremo Tribunal, em recurso de anulação por infracção da lei interposto pela sociedade comercial «Juncosa y Escrivá». 13-V-1913. Cfr. *Gaceta de Madrid* de 21-I-1914, anexo n. 3.

85. Cfr. *Recordatorio de la Primera Comuni3n* (RHF, D-070389).

86. O primeiro documento que atesta a celebração pessoal dos aniversários da sua Primeira comunhão remonta ao ano 1923. No dia 23 de Abril, Josemaría Escrivá, como Inspector do Seminário de São Francisco de Paula, impôs um castigo a dois seminaristas «por terem descido, durante o estudo e sem licença, às Tribunas da Igreja de S. Carlos». Os seminaristas de São Francisco de Paula não tinham livre acesso a estas tribunas, pois a entrada estava na parte do edifício que ocupavam os sacerdotes do Seminário Sacerdotal de São Carlos. Evidentemente soube da presença dos seminaristas no dito lugar porque ele se encontrava ali, recolhido em oração, aproveitando o momento de calma que o estudo dos alunos lhe proporcionava. Cfr. Ramón HERRANDO, *Los años de seminario del Beato Josemaría Escrivá en Zaragoza (1920-1925). El Seminario de San Francisco de Paula*, pro manuscrito, Pamplona 1999, pp. 334-335. Sobre os aniversários da sua Primeira comunhão nos anos trinta, ver Andrés VÁZQUEZ DE PRADA, o. c., p. 50, nota 99.